A GUERRA DA LIMPEZA

a g u e r r a d a l i m p e z a



2020

$P

essa zine é sobre a limpeza de espaços coletivos horizontais. escrevi ela porque tem uma microguerra acontecendo na minha casa [e sepá na sua também]. essa merda tem desfeito laços, tem criado ranços, tem mostrado lados insuportáveis de nós.

morar em uma casa coletiva [y exclusiva para lésbicas <3] foi DEFINITIVAMENTE a melhor decisão da vidinha, mas morar nesse formato também é uma **decisão cotidiana** em superar aprendizados milenares do PATRIARCADO, da SUPREMACIA BRANCA y do CAPITALISMO.

racismo, egoísmo, rivalidade feminina, irresponsabilidade com o coletivo são algumas das características que venho encontrando tanto em mim quanto nas tantas mulheres que já moraram comigo nesses cinco anos morando em casas coletivas.

o que está aqui foi pensado por e para mulheres e lésbicas que vivem em casas onde não vivem homens, mas não te exclui se não for seu caso. são reflexões vivas e partilhadas, feitas a muitas mãos e cabeças. infelizmente não trago soluções [risos choros], mas me mande email e vamos conversar!

A GUERRA (fria) DA LIMPEZA

como acabei de falar, essa zine é sobre espaços coletivos (casa, lar, república, okupa...) horizontais (onde ninguém está – supostamente – acima de ninguém, não há “pai de família”, “chefe da casa”, dona da pensão, líder).

nesses espaços é essencial que a organização se faça por meio de reuniões, [se o espaço onde você mora não faz reuniões e tem problemas, talvez resolver comece por isso] a ideia dessas reuniões é que todas as pessoas que moram no lugar possam falar/criticar/propor e então criar soluções, já que não há um líder para decidir como as coisas devem ser feitas, as decisões devem ser construídas coletivamente. *MAS* é aí que a guerra fria da limpeza se mostra. na minha experiência a limpeza é sempre pauta e

chegamos ao fim de reuniões infinitas para concluirmos que **não fazemos o suficiente.**

no brejo –espaço onde vivo há uns 4 anos– temos a proposta de reuniões semanais [que quase nunca são semanais, mas fica a ideia] e já tentamos algumas vezes conversar sobre o que é limpeza para cada uma de nós. talvez você tenha crescido numa casa onde limpeza é passar escova de dente no vão do azulejo... talvez não, e para você faxinar uma vez na semana seja o suficiente. não existe real problema em nenhuma das posições, eleger coletivamente um **MÍNIMO COMUM** é o suficiente para poder organizar as tarefas domésticas, tendo como norte que todas que moram na casa devem estar confortáveis com os combinados que vão surgindo. juntas [em diversas formações] pensamos em maneiras de organizar a divisão das tarefas domésticas: tabela na parede, duplas, divisão por cômodos, faxinas feitas organicamente, faxinão coletivo num dia da semana etc.: algumas deram certo por pouco tempo, outras nunca deram certo, vamos tentando e mudando.

atualmente no brejo cada mulher tem um cômodo sob sua responsabilidade durante mais ou menos um mês, e as tarefas mínimas que devem acontecer naquele cômodo foram decididas por todas em reunião.

se você mora numa casa coletiva com certeza sabe dos dramas de louça abandonada na pia, faxina prometida e nunca feita, limpeza meia-boca, discussões/fotos no grupo do whatsapp, etc. é por isso que o ponto zero dessa zine é:

se **r e s p o n s a b i l i z a r** por sua parte

é a ÚNICA maneira

de isso **tudo** dar certo.

*

DIFICULDADE 1

mulheres limpam. ou mandam limpar.

mulheres são ensinadas a limpar desde pequenas. mulheres negras/indígenas são **empurradas** para esse papel **a vida toda. há séculos.**

1. todas teremos em mente que é NOSSA RESPONSABILIDADE manter a casa em ordem. isso é nítido em infinitos lugares mistos, a começar pela casa onde você cresceu [salvo raríssimas exceções] onde a/s mulher/es é responsável absoluta pela **manutenção da casa**, gerando o que conhecemos como dupla/tripla jornada de trabalho e consequentemente uma enorme **carga mental** [que é basicamente pensar/organizar/planejar sobre tudo o tempo todo, para que as outras pessoas que moram na mesma casa não pensem]. a ideia de que “meninas amadurecem mais cedo” também perpassa pela ideia de que terão mais cedo a responsabilidade de cuidar das irmãs/os, cozinhar e limpar a casa, a depender de sua classe social.

foi pelo feminismo que descobri que a divisão TOTAL desse trabalho era a única maneira de sermos justas. aqui no brejo recentemente decidimos que junto com esse cômodo que cada uma é responsável pela execução da limpeza, também vai a responsabilidade pela carga mental. fizemos **a divisão da carga mental,** que poderia estar pesando mais pra uma ou outra, fazendo com que cada uma de nós pensasse só sobre as necessidades materiais de UM cômodo coletivo.

2. todas teremos em mente que é NOSSA RESPONSABILIDADE manter a casa em ordem, mas algumas mulheres [brancas, de classe média/acima] terão a ideia [racista] de que essa responsabilidade pode ser transferida a outra mulher [de outra classe e cor], sobrando então apenas a responsabilidade de **supervisionar** essa limpeza.

é muito importante que estejamos cientes de que MUITAS mulheres [feministas inclusas] estão há séculos acostumadas a esse papel de **supervisão** [e isso incluirá ou não **o pagamento** dessa outra mulher, podendo ela ser inclusive/justamente uma companheira de casa].

reconheço três papéis problemáticos que podem aparecer nessa dinâmica:

1) **a branca pati**, que está muito acostumada com uma casa limpa por uma faxineira e não aceita qualquer sujeira que já começa a reclamar;

2) **a branca que é muito paz-amor-tranqui-punk** e “nem liga” pra sujeira, deixando sempre a desejar nas faxinas que deveria fazer e sobrecarregando as outras mulheres –tantas vezes negras/indígenas;

3) **a branca encostada**, que tem uma rotina cheia e deixa a limpeza da casa em último lugar na agenda. sua atitude obviamente respingará na rotina das outras –tantas vezes negras/indígenas– que recebem a limpeza da casa como sua obrigação {vale repetir: sua obrigação há séculos} e mesmo com uma agenda tanto ou mais cheia que a da branca, vai dar conta de limpar sua parte e a da outra [muitas vezes só porque prioriza viver em um ambiente limpo].

*

O L Á, V O C Ê É B R A N C A ?

- Você se incomoda mais com a bagunça que uma mina negra/indígena deixa na casa?
- Tende a achar que as bagunças da casa pertencem a mulheres negras?
- Se sente mais à vontade para reclamar sobre limpeza para elas?
- Gastar horas com limpeza é uma ideia muito terrível?
- Como você se sente desmarcando/reorganizando compromissos para fazer faxina? você faz isso?

a branquitude permeia todos os espaços que ocupamos.

se critique!

DIFICULDADE 2

coletividade por uma questão de classe

1. você já viu um/a playboy fazer **bosta** numa questão simples de limpeza? Ou uma pessoa que fedia a $ e não sabia fazer um arroz ou não conseguia lavar uma louça sem deixar engordurada? ou então uma pati que etiquetava todas suas comidas gostosas na geladeira para que ninguém comesse?

[ou melhor (pior), se identificou com algum desses exemplos?]

E se apoio mútuo fosse, antes de teoria anarquista, uma questão de classe?

CONSELHO:

Pobres: façam apenas sua parte, não se sobrecarreguem!

Boys: observem e aprendam. rápido.

2. A solidariedade é realmente uma postura anticapitalista. o neoliberalismo prega a individualização absoluta e cada vez mais se busca viver sozinha ou em pares, como se a coletividade fosse uma coisa ruim. viver em casas coletivas é um desafio também porque estamos desaprendendo a viver juntas, e porque geralmente a vivência que temos de coletividade (junto da família) é conflituosa, apática e hierárquica.

Conseguir viver em coletividade exige uma responsabilidade e um corpo coletivo (atento às outras e a si) que geralmente não fomos incentivadas a ter. Retomar essa postura coletiva, solidária e atenta é parte subjetiva e, portanto, muito importante, para a resolução dessas guerras cotidianas.

Não existe reunião que garanta solidariedade, nem tabela que calcule quantas vezes uma esteve atenta à outra.

DIFICULDADE 3

a tal da reunião

semanal, quinzenal, apenas de urgência, pelo whatsapp, [não fazer reunião está fora de questão aqui, se é isso que vocês querem, que lutem].

muitas pessoas tem aversão a reuniões, seja porque já trabalham em ambientes cheios de reuniões e/ou porque são militantes em movimentos sociais/coletivos, ou então por terem criado uma casca social, onde se organizar coletivamente, falar em grupos, dar opiniões etc. seja penoso. porém como já falei mais acima, decidir as coisas coletivamente é a única forma de decidir coisas sem líderes – e provavelmente isso vai te custar estar em reuniões.



a ideia de que reuniões são um espaço ruim também é permeada por vários aprendizados coloniais/patriarcais que recebemos porque a disputa, rivalidade, bem vs mal, punição pra quem errou, são ideias mais que presentes em qualquer tipo de debate, quanto mais nesse, tão restrito à vida “privada”. questionar e destruir esses aprendizados é uma tarefa complexa e que talvez envolva mais crítica/ autocrítica do que estamos acostumadas.

aqui no brejo já tentamos alguns formatos de reunião e uma característica que perdurou é que sempre começamos as reuniões dizendo como cada uma está se sentindo (física/emocionalmente) e compartilhando coisas que aconteceram recentemente (se quisermos). a ideia de começar as reuniões assim surgiu como forma de i) nos aproximarmos das rotinas umas das outras; ii) entendermos como cada uma está naquele momento e consequentemente qual será o teor da reunião (tanto de saber se abordaremos/evitaremos assuntos muito polêmicos, quanto pelo tempo que a reunião vai tomar etc.)

algumas coisas muito básicas precisam ser ditas sobre reuniões:

1. o horário/dia que a reunião vai acontecer precisa ser ok para todas, ao mesmo tempo que todas as envolvidas precisam dar importância para esse espaço em suas rotinas. Isso evita o sentimento de que umas se sacrificam mais que as outras para estar presentes.

2. é muito importante respeitar o horário de início da reunião e tirar logo no começo um teto para que ela acabe. ao mesmo tempo que esse espaço também é um espaço importante de escuta, e é frustrante que se torne uma rotina sair da reunião sentindo que sua pauta não foi debatida.

3. Organizar a reunião de algum jeito que funcione para esse grupo facilitará muita coisa. pautas, alguém que anote as decisões, alguém que repassa essas informações se for necessário. pensem juntas.

4. as reuniões precisam ser espaços onde as pessoas conseguem falar. isso é responsabilidade de todas: das que falam muito e precisam se observar e falar menos, das que nunca falam (por timidez, insegurança etc.) se esforçarem e das que não estão localizadas em nenhum dos extremos, todas devemos “supervisionar” as reuniões e impedir que pessoas sejam interrompidas, falas sejam cortadas sem conclusão da ideia (algumas pessoas pensam enquanto falam, outras falam de uma vez, outras precisam de silêncio...) e observar também se a pessoa que não falou está satisfeita com o que foi debatido ou só não conseguiu encontrar respiro entre as falantes. eu como pessoa falante demorei muito pra entender que às vezes em debates/reuniões é precioso alguns momentos de silêncio, para a maturação das coisas que foram ditas.

de modo bastante positivo, ainda acredito que as reuniões não precisam ser esse júri com culpadas e vítimas, punições e medalhas. é preciso seriedade e comprometimento e entender que: processos coletivos e horizontais são complicados e levam tempo, suor e neurônios.

se escutem, compartilhem comida e tentem fazer às vezes reuniões que não são sobre problemas!

DIFICULDADE 4

existe um estigma que recai sobre “a bagunceira”. de repente todas as sujeiras e erros da casa pertencem a ela. é muito fácil ser injusta num cenário desses, ao mesmo tempo que é muito difícil assumir algo quando já se é vista como bagunceira.

não acusar ninguém precisa ser um esforço coletivo.

acusar sem provas é absurdo.

como cobrar responsabilidade sem acusar?

como admitir o erro sem ficar na defensiva ou com sentimento de culpa?

não se responsabilizar por sua parte é erro SEU e se alguém está te criticando por isso, é necessário humildade para ouvir.

como cobrar algo que é importante para a casa, a alguém que não considera tal coisa uma prioridade?

o que é coletividade?

PROPOSTAS IDEIAS SUJESTÕES

- seu jeitinho de fazer as coisas não é o jeito **certo** de fazer;

- se um tipo de organização não está rolando, tentem outro! inventem juntas outras possibilidades/rotinas/ distribuições;

- pensem juntas sobre quadros, planilhas, lousas, listas, que ajudem na distribuição/organização/controle da limpeza da casa;

- dentro das possibilidades da geografia da casa, uma proposta muito legal que uma mana me deu foi: cada pessoa ter ao menos **um espaço** na casa que opere APENAS **sob sua própria lógica** [na maior bagunça ou brilhando de limpeza e organização, não importa]. esse espaço pode ser um quarto, uma mesa, um canto, enfim: a ideia é todas terem um lugar que não recebe **pitacos alheios.**

*

2020

$P - BR

pamela maria

alemap@riseup.net